

Uma fortaleza abre suas portas para revelar momentos da nossa História

Lêda Rivas

Trezentos e cinquenta e sete anos depois de ter sido erguido pelos portugueses, no istmo do Recife, a Fortaleza de São João Batista do Brum volta a chamar a atenção da coletividade para a sua história e o seu destino. Testemunha e participante da invasão holandesa e de todas as sedições que seqüenciaram o período batavo, o velho fortim, liberto de seu papel de defensor da nossa integridade física, prepara-se para uma nova e, ao que se supõe, definitiva missão: a de transmitir às novas gerações e às que vierem em seguida as lições de um passado no qual tiveram participação ativa milhares de nordestinos. Sede, a partir de 1959, da 21ª Circunscrição de Serviço Militar, transformou-se, recentemente, no mais novo museu aberto à visitação pública, sob o controle do Comando Militar do Nordeste. Este espaço cultural, ainda em fase de implantação - mas já atendendo a estudantes, pesquisadores e turistas - estará concluído no próximo mês de novembro, pronto para abrigar, além das salas de documentação histórica, auditório, restaurante, biblioteca e seções administrativas.

Numa área total de 12.967,87m², o Forte do Brum, que passou por várias restaurações e hoje apresenta-se perfeitamente adaptado às suas novas funções, manterá dez setores especializados, contendo peças e documentação referentes a épocas e a episódios nos quais tomaram parte inúmeros nordestinos. Para montar um museu primordialmente imaginado para registrar o papel desempenhado pela Região em diversos acontecimentos, através dos soldados aqui nascidos, o general Fernando Cerqueira Lima foi buscar o apoio didático do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco e o suporte técnico da Fundação Joaquim Nabuco. O primeiro tratou de fornecer informações, por intermédio de professores indicados, a respeito de diversos fatos que marcaram a História nordestina e que projetaram militares oriundos desta Região. A segunda forneceu, a título de cessão provisória, duas museólogas da sua equipe - Maria de Guadalupe Viana e Virgínia Alves dos Santos - para organização das salas destinadas a reunir o acervo, recolhido através de doações, da nova casa.

Para as duas técnicas, o museu não seria uma realidade não fossem a pertinácia e a sensibilidade do general Cerqueira Lima, ele mesmo um apaixonado pela História. Tanto tempo o militar vem dedicando à implantação do museu que já foi possível não só se coletar um importante e vasto material para exposição, como também despertar a atenção de artistas e intelectuais, dispostos a se engajarem na complementação da obra. Das peças doadas por particulares, e pelo próprio Ministério do Exército, vale destacar o belíssimo painel em cerâmica, de autoria de Francisco Brenand, representando a bandeira de Pernambuco encimada por estes versos de César Leal: "Tu desenhaste a bandeira azul e branca/ - como se fora uma grande asa de pedra/ molhada por relâmpagos". Além de duas telas de Franmarques retratando a participação dos pracinhas brasileiros durante a II Guerra Mundial, dois óleos de Apolo, mostrando episódios da Intentona Comunista, quadros de autores diversos sobre personagens ou feitos militares etc. Agora, o Comando busca um pintor que retrate o Monte das Taboas.

ACERVO

As salas onde estão expostas as peças e documentação do Museu Histórico Militar são, pela ordem, as seguintes: 1. Arqueologia Histórica - contendo restos encontrados pela equipe da Divisão de Arqueologia do Departamento de História da UFPE, em escavações realizadas nos fortes do Brum e Orange, no Armaíl Velho do Bom Jesus e nos Montes Guararapes, basicamente constituídos de ferragem, material de cavalaria, ferro de marcar, tijolos holandeses e portugueses, cerâmica portuguesa, molde para o fabrico de balas de mosquete etc.; 2. Arqueologia Histórica II - Dos 168 esqueletos encontrados nos trabalhos arqueológicos realizados nos

Montes Guararapes, pela equipe já referida, um se encontra nesta sala, com todo acompanhamento funerário: medida de pólvora, balas de mosquete e terço em osso. Ali também se encontram diversos cachimbos de origem holandesa e portuguesa, bem como um sacatrapo - haste de madeira ou ferro terminada num arame em espiral, empregada para retirar os resíduos que ficavam nos tubos das bocas de fogo, após o tiro - , catalogado pelas museólogas como "peça rara". 3. Ação da FEB - por ora, estão ali expostos apenas japoneses, capacetes, marmitas, caixa de socorros, fotos, mapas, algumas armas. Dedicada ao comandante brasileiro da ação bélica na Itália, a sala contém um busto em bronze do marechal Mascarenhas de Moraes. 4. Homenagem ao soldado nordestino. Maior do que as salas já equipadas, esta traz, provisoriamente, as variações de equipamento militar utilizado nas mais diversas campanhas. A distribuição ainda não é definitiva e esta parte do acervo, informam as museólogas, poderá ser deslocada para outros setores.

As dependências atualmente abertas à visitação pública, somar-se-ão outras seis, dedicadas à Insurreição Pernambucana, à Revolução de 1817, à Independência, à Guerra do Paraguai, à República e à Intentona Comunista. Merecerá destaque, ainda, uma sala destinada a mostrar o confronto entre o velho e o novo, mas sem nenhuma preocupação cronológica. Ali ficarão documentos vários e peças de origens diversas, tudo registrando a participação do soldado nordestino em episódios históricos. Como os demais, este setor ficará no térreo do monumento, onde também funcionarão um auditório com capacidade para 50 pessoas e um salão alugado a empresas brasileiras fabricantes de material bélico, que exporão os seus produtos.

O andar superior do Forte do Brum, dedicado em grande parte à administração do Museu, abriga o embrião de uma biblioteca que, futuramente, espera o general Cerqueira Lima, sirva de respaldo a estudantes e estudiosos em seus trabalhos de pesquisa. Os poucos livros recebidos até agora de particulares e editoras repousam numa sólida estante de imbuia maciça, pertencente ao marechal Castello Branco, e que estava na antiga residência do Comando do IV Exército. A mesa de estudos, as cadeiras e todo o mobiliário que se estende por outras dependências foram doados por organismos militares ou particulares ligados ao Exército. Na sala do diretor do Museu, general Alberto Evilásio Gondim, por exemplo, há belos exemplares de centenários móveis de jacarandá, eles mesmos uma atração à parte no momento.

No alto, mirando, de um lado, o velho Recife e, do outro, adivinhando os montes de Olinda, ergue-se a Capelinha de São João Batista, acrescentada ao Forte após a expulsão dos holandeses. A imagem do santo, por certo existente no local, já não se encontra no templo, e o Comando Militar está em busca de uma semelhante, para que o culto ao Precursor tenha seguimento. A Capela, de acordo com informação das técnicas Maria de Guadalupe e Virgínia, será, em breve, aberta à comunidade para celebração de missas e casamentos. Ao seu lado, uma sala de recepções já está devidamente restaurada.

Finalmente, dois outros espaços deverão, dentro de poucos meses, ser ocupados por um salão de exposições à disposição dos fotógrafos e dos artistas plásticos, e um restaurante, a ser arrendado a particulares. O local, na realidade, presta-se magnificamente ao que o Comando chamou, originariamente, de "cantina". Bem situado, com visão para o porto, o restaurante - também aberto ao público e devendo integrar os roteiros turísticos - servirá lanches rápidos e pratos regionais.

IMPORTÂNCIA

O istmo do Recife, devido à sua posição privilegiada em relação à defesa do porto do mesmo nome, estava destinado, desde o início da colonização, a servir de local de importantes fortificações. Ali existiram vários pontos fortificados, simples baterias. Um deles, o de Bom Jesus, implantado ainda na época do Descobrimento, era armado de sete peças de bronze e teve destacada atuação na defesa do Recife, em 30 de março de 1595, ante o ataque realizado

pelos piratas sob o comando de Sir James Lancaster. Este Forte ou Plataforma situava-se, aproximadamente, no local do atual Forte do Brum, em frente à entrada do Porto e já não existia em 1629, quando da chegada de Matias de Albuquerque, que apenas encontrou vestígios de sua localização.

À época, entre as muitas providências e medidas tomadas para preparar a Região na tentativa de repelir ataques holandeses, foi planejado construir um forte no local aproximado do antigo Bom Jesus. As obras foram iniciadas em fins de 1629 ou começo de 1630 e, desde logo, a fortificação recebeu o nome de Diogo Paes, em homenagem a Diogo Paes Barreto, seu construtor e financiador (a quem Duarte de Albuquerque Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, se referia como "um morador dos mais nobres da terra").

A 28 de fevereiro de 1630, os holandeses iniciaram o ataque ao Recife, vindos de Olinda, e assestaram uma bateria no local em que estava se erguendo o Forte de Diogo Paes, causando sérios danos à construção. Os invasores conquistaram, dias depois, os Fortes de São Jorge (ou da Terra) e de São Francisco (ou do Mar). Sobre os alicerces do Forte de Diogo Paes foi que os holandeses, ao tomarem o Recife, levantaram o Forte de Bruyne, que os nossos aportuguesaram para Brum -, em homenagem a Johann de Bruyne que, à época, presidia o Conselho Político, órgão local supremo da direção da colônia recém-conquistada. Após a rendição dos holandeses, o Forte passou às mãos dos portugueses.

Construído de areia e faxina, a fortificação foi reedificada, por volta de 1680, em pedra, sofrendo reformas dez anos depois. Outras restaurações foram realizadas nos setecentos e, em nosso século, o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco saiu em defesa do monumento, impedindo que este fosse demolido. Sucessivamente, nas duas Grandes Guerras, o Forte do Brum serviu como acantonamento de Unidades de Artilharia do Exército Brasileiro. Seus últimos trabalhos de restauração foram concluídos há cerca de dez anos.

Nas proximidades do Forte, havia, de acordo com o historiador Rubem Franca, "uma praia, com banheiros de palha e 'banhistas' profissionais que protegiam as crianças e senhoras. A praia do Brum foi muito frequentada, até que se realizaram as obras do porto, do início deste século". É ainda do professor Franca a informação de que o nome do Brum seria uma corruptela de Bruyn, "esposa do general Weerdenburgh", e não de Johann de Bruyne.

PROJETOS

O Museu Histórico Militar não foi oficialmente inaugurado, mas já recebe, diariamente, dezenas de estudantes e turistas. Não há planos para uma abertura solene, uma vez que, à medida que as salas - em fase de pintura e de instalação - forem sendo liberadas, serão automaticamente integradas ao roteiro de visitação. Para enriquecimento do acervo da casa, as museólogas da Fundaj esperam novas doações, através de pessoas que possuam documentos, armas, livros e objetos curiosos, de importância histórica, referentes à participação militar nos episódios selecionados para exposição.

Ao mesmo tempo, Virgínia e Maria de Guadalupe projetam uma série de promoções visando a despertar o interesse dos estudantes de vários níveis com relação ao Museu. A primeira delas acontecerá na semana de 6 a 10 de outubro, destinada a crianças na faixa dos 8 aos 12 anos de idade, das redes particular e oficial de ensino. Grupos de escolares estarão, nesse período, visitando o monumento e ouvindo das técnicas uma explanação sobre a sua história; assistirão a uma projeção de filme sobre tema nordestino e participarão de um concurso de cartazes sobre o Forte.

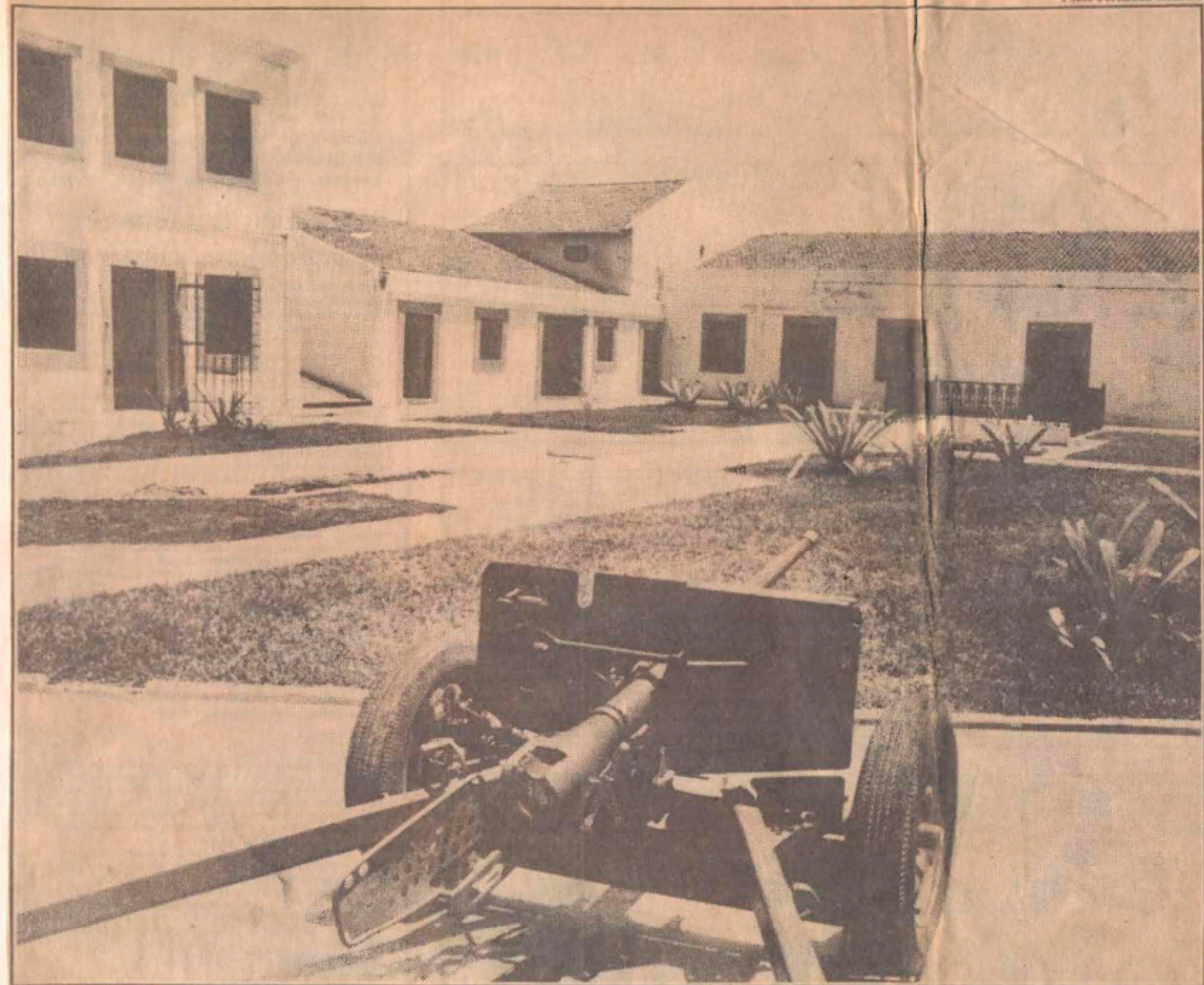
Os planos são muitos e necessário se faz que à ação do Comando Militar e da Fundação Joaquim Nabuco, juntem-se a colaboração de outros órgãos, governamentais ou não, igualmente preocupados com a preservação e a valorização do nosso patrimônio cultural.

DIARIO DE PERNAMBUCO

Recife, terça-feira, 30 de setembro de 1986

VIVER

Fotos Fernando Gusmão



O tricentenário Forte do Brum abriga, atualmente, o mais novo museu recifense, já aberto à visitação pública



Na sala de Arqueologia Histórica, destaca-se um sacatrapo, peça considerada rara pelas museólogas



Um quadro do artista plástico Apolo sobre a Intentona Comunista faz parte do acervo da casa



Francisco Brennand confeccionou este painel da bandeira de Pernambuco, encimada por versos de César Leal